

# RELIGIÃO E PATRIA.

PERIODICO RELIGIOSO, POLITICO E NOTICIOSO.

J. de J. L. de F.  
M. de J. L. de F.

RESPONSÁVEL — T. G. DE SOUSA PINTO.

ADMINISTRADOR — J. A. DE FARIA SILVA

SEM ESTAMPILHA.

Por uma serie ou 50 números..... 1\$200 rs.  
Folha avulso..... 40 rs.

Annuncios por linha 30 rs. — repetição 20 rs. — Correspondencias particulares 30 rs. por linha.  
As publicações litterarias serão annunciadas, sendo enviados a esta redacção dois exemplares. Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte ao administrador d'este jornal. A assignatura deve ser paga adiantada.

PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS.

COM ESTAMPILHA.

Por uma serie ou 50 números..... 1\$450 rs.  
Folha avulso..... 50 rs.

2.ª SERIE

Quarta feira 29 de Julho de 1863.

N.º 1

## DECLARAÇÃO

Desde hoje por diante passa este periodico a nova redacção.

E' escusado advertir que continuará a seguir o programma com que principiou a publicar-se, e que até agora tem posto em practica.

A administração continua ainda a cargo do sr. José Antonio de Faria e Silva.

GUIMARÃES 21 DE JULHO.

### O TRABALHO.

*Homo nascitur ad laborem, sicut avis ad volatum.*  
(Job, v. 7.º)

O homem nasce para o trabalho, como a ave para voar eisahi uma expressão, cuja clarissima simplicidade encerra um sentido muito profundo! O trabalho! a vocação essencial do homem, a sua acção, a sua vida. O trabalho! a lei da liberdade, a lei da moralidade, a lei universal da humanidade. E' certo, senhores; ninguém n'este mundo de decepções está isempto da lei do trabalho: ha para cada um de nós uma ordem de funções que nos é necessario cum-

prir, de sorte que viver sem trabalhar não é só viver fóra das condições da natureza humana, é extinguir e aniquilar a vida.

«O homem nasce para o trabalho. . . » diz n'uma parte a palavra inspirada de Job. E se attendermos mais de perto para nós mesmos, o que vemos? faculdades intellectuaes e moraes, cuja essencial actividade requer como condição de vida o exercicio, e o trabalho. A inercia é o envilecimento, é a degradação, é a aniquilação d'essa generosa actividade que as caracte-

riza. E o corpo? Pois não vemos nós que as faculdades corporeas, a structura, o organismo, tudo o que em nós constitue essencialmente a vida animal, se conserva e desenvolve pelo exercicio, e pelo trabalho? E nao vemos, ao contrario, que decahem e perecem todas as forças do homem, quando elle as deixa enlanguescer na ociosidade?!

E' pois certo que o trabalho é condição essencial da vida do homem; que todo o homem tem n'este mundo um trabalho, uma ordem de funções, uma vocação, que é uma necessidade de sua natureza.

E note-se que não foi só depois que o homem decahiu da graça e felicidade em que tinha sido creado, que o trabalho lhe foi imposto como uma lei. O trabalho foi para o homem do paraizo uma das condições de sua felicidade, de sua dignidade, e

de sua existencia. Antes da terrivel sentença pronunciada contra elle, a qual ainda perseguia a sua posteridade, — *in sudore vultus tui vesceris pane* — encontram-se no Genesis as seguintes palavras: *Posuit eum in paradizo voluptatis ut operaretur eum.*

E sendo, como é, uma lei essencial da natureza humana, trabalhar para conservar a vida, ninguém nos contestará de certo o dever natural que temos de empregar a nossa actividade em alguma cousa, que nos roube a ociosidade, que é a mãe de todos os vicios — *Omnem malitiam docuit otiositas.*

Mas não pára só aqui a vastidão profundissima da simples expressão, que tomamos para epigraphe.

O homem decahido pelo peccado acha no trabalho uma grandeza, que o rehabilita. Fecundando a terra com os seus suorres, para d'ella colher o pão com que ha de sustentar-se, — *in sudore vultus tui vesceris pane* — elle entra na ordem regular e harmonica do universo, cumprindo uma função que lhe compete, como o sol que fecunda a terra com os seus calores, e as nuvens que a fecundam com as suas chuvas; e desde o momento em que Deus o emprega, e que elle serve ao mandato de Deus, começa a sua acção a ganhar merito, e a conseguir-lhe uma tal ou qual rehabilitação.

O trabalho é, além d'isso, a grande lei

da liberdade e da moralidade do homem. Iriamos muito longe se quizessemos demonstrar esta verdade em toda a sua luz; mas ella não carece d'isso porque é quasi intuitiva: bastará considerar de passagem as doçuras do trabalho, e que felicidade elle dá aquelles que o amam; a protecção que elle dá a virtude, da qual se torna quasi salva-guarda, a influencia d'elle sobre o caracter do homem, e a força que lhe communica.

Mas o trabalho é mais alguma cousa, além d'uma lei natural da humanidade. O trabalho é um dogma religioso e christão.

*Omnem malitiam docuit otiositas*, dizem as sagradas lettras.

Quereis ser alguma coisa n'este mundo, sem fazer nada? Mas isso é querer de balde roubar-vos á grande lei do genero humano, a qual não só é para o homem lei de conservação e de aperfeiçoamento de vida, mas que, depois da queda original, se tornou para elle lei misericordiosa de expiação e de regeneração.

Nenhum direito tendes portanto de vos roubardes, a vós e a vossos filhos, ao cumprimento d'essa sentença que vos gasta todos os dias da vossa vida em um nobre e religioso trabalho.

Acresce além d'isso, que, segundo a expressão do Evangelho, Deus ha-de lançar nas trevas exteriores, os que não tiverem feito nada n'este mundo, e ninguém pode

## FOLHETIM.

### CONFERENCIAS RELIGIOSAS

RECITADAS NO VASTO TEMPLO DE NOSSA SENHORA DE PARIZ

Pelo Reverendo padre FELIX n'esta Quaresma de 1863

#### QUARTA CONFERENCIA.

MYSTERIO DA TRINDADE DIANTE DA RAZÃO E DA SCIENCIA.

#### II.

(Continuação).

Que ha pois de admiravel, em que a essencia divina e o mysterio que é o seu fundo, passem atravez d'este mundo mathematico que tem em Deus a sua verdade substancial? Eu sei, que a phantasia transcendental e o genio das aproximações podem brincar muito n'estas muito etheras esferas, e tomar por verdadeiras relações dos seres as fascinações da idéa fixa. Mas, se não he preciso acceitar como decisivas to-

das as relações que certos genios meditativos têm querido aperceber entre o mysterio da Trindade e as figuras da geometria, é preciso tambem evitar o partido de não vér allí senão analogias fortuitas e jogos do espirito muito engenhosos.

E' pelo acaso, que todos, ou quasi todos os povos se têm encontrado na idéa singularmente original de fazer do triangulo o symbolo mathematico da essencia divina? Porque têm elles tido, sem para isso se terem combinado, o pensamento de representar o mysterio da vida intima de Deus, exactamente por uma figura em que tres cousas não fazem senão uma?

E' tambem pelo acaso, que tantos genios superiores têm julgado descobrir na esphera o mais expressivo symbolo da perfeição divina? E' um simples jogo do espirito sem fundamento na realidade, este que nós faz vér, na esphera, um centro que a forma, uma circumferencia que a termina, e um raio que une um á outra? E' n'uma phantasia toda poetica ou n'uma vista metaphysica que Pascal, traduzindo na sua linguagem d'uma lucidez profunda uma palavra de S. Boaventura, não teme

chamar a Deus uma esphera, cujo centro está em toda a parte, e cuja circumferencia não está em parte alguma? E' por um capricho de imaginação, ou por um sentimento do genio, que um homem, tão grande mathematico como profundo philosopho, intitulava uma obra: *Da sombra da Trindade na figura de esphera, de Adumbratione Trinitatis in sphaerico?*

Mas deixemos esta região da abstracção pura, e procuremos nos seres creados, mais visivel e determinada, esta sombra do grande mysterio que se desenha em todas as esferas da criação.

A criação divide-se em dois vastos planos, que convergem no homem; o plano da criação material e o plano da criação immaterial. Em qualquer d'estes dois planos, o genio, esclarecido pela theologia e pela sciencia, vê passar a sombra de Deus.

Mais alto porém que estes dois planos, e dominando-os a ambos, ha o mundo metaphysico, quer dizer, a harmonia superior das leis geraes, que dizem respeito a todos os seres, e que governam estes dois mundos. Ora, se pairardes com o pensamento sobre a universalidade das cousas, para

d'ahi tirardes as leis geraes dos seres, chegades a esta triplice revelação feita pela mesma natureza das cousas, que contemplaes.

No fundo de todos os seres, e abaixo dos phenomenos visiveis que vol-os mostram, enontraes, ou ao menos suppondes o *substratum* necessario dos phenomenos palpaveis, ao que chamaes *substancia*: fundo obscuro e encoberto do ser, d'ontle vos parece sabir, como de sua fonte invisivel, a luz do phenomeno e o esplendor da forma. Este fundo do ser, com effeito, para se manifestar, para se revelar, e se assim o posso dizer, para se fallar a si mesmo, toma uma forma e uma expressão. Esta forma que pertence ao ser, que está n'elle, e que por uma abstracção do espirito, vós separades da substancia, esta forma vos dá a idéa ou a imagem do ser; é o raio que o descobre; é como um verbo que o exprime, uma palavra que o revela. E' o que produz por seu fundo o ser que se nos mostra, pondo-se diante de nós: o que o faz vér á vista ou á intelligencia, que o olha; é a revelação da sua perfeição, é o seu ideal.

portanto duvidar que o trabalho é um dogma recomendado directa e indirectamente nas sagradas lèttas, e santificado com o exemplo do proprio Deus, que tambem trabalhou durante seis dias na obra da creação.

Mas ainda não fica só aqui; leva-nos ainda mais longe a meditação sobre as palavras da nossa epigrapha.

*Homo nascitur ad laborem*. . . quer dizer, o trabalho não é só lei natural, moral, e religiosa; é tambem lei social da humanidade.

A sociabilidade exige que sejamos todos uteis uns aos outros. O egoismo não pode ser a lei de nenhuma sociedade. Se o trabalho é uma condição da vida do homem, é tambem um dever que elle tem a cumprir para com o seu semelhante. Onde tudo trabalha, não é bem que um só, ou dois estejam ociosos. E ainda por outro lado: a ociosidade se deve sem duvida o escapar-se das mãos de tantos herdeiros o legado de riqueza ou de honra que lhes deixaram seus maiores: é a ociosidade, que, como um verme roedor, mina surdamente e faz cahir em pedaços fortunas estabelecidas sobre os mais solidos fundamentos; é a ociosidade que se deve a ruina de tantas familias nobres e a degradação e o envilecimento de tantas raças illustres, que outr'ora faziam a gloria das nações, e que hoje se vêem incapazes de ousar o mais mediocre emmetimento em bem da humanidade!

Em vista pois de tão nobres e fortes razões e de tão religiosos motivos, quem deixará de se entregar, alma e corpo, ao trabalho, para o qual nasceu, e o qual é a sua acção, e a sua vida?

Quem deixará de cumprir o mandato eterno, que nos ordena o trabalho como o guia da nossa liberdade, e como condição permanente de moralidade e de virtude?

Humanidade e trabalho — liberdade e trabalho, actividade moral e trabalho, são cousas estreitamente ligadas e que difficilmente se podem separar.

Trabalhar pois, que o trabalho é lei da liberdade, condição de moralidade, salvaguarda da virtude, e dever da humanidade.

Trabalhar, como condição de vida, e para conservarmos, desenvolvermos e elevarmos até Deus, a vida que o proprio Deus nos deu.

Trabalhar, que com o trabalho não só alcançaremos n'este mundo uma felicidade

relativa, mas até depois obteremos um logar na mansão dos bemaventurados.

## NOTICIARIO.

### EXPEDIENTE.

*Rogamos ainda aos snrs. assignantes, que não satisfizeram a importancia das suas assignaturas correspondentes á 1.ª serie, tenham a bondade de mandar satisfazer o mais brevemente possível, podendo commodamente fazel-o em estampilhas ou por vales do correio.*

*Quaesquer annuncios ou correspondencias que d'oraçavante tenham de ser publicadas n'este periodico, devem ser entregues e dirigidas a José Antonio de Faria e Silva, na rua do Gado n.º 6. Os annuncios devem trazer assignado o nome de quem se responsabilisa por elles.*

*Ponderosos motivos nos obrigaram a não dar folha na semana passada, do que pedimos desculpa aos nossos illustres assignantes.*

*Registre-se.* — A verdade tambem ás vezes sae, por descuido, da bocca de quem usa tel-a em menos conta, e é porisso que gostosamente vamos reproduzir a seguinte passagem d'um imbroglio, crisinado em artigo pelo seu auctor, que é o civilizador correspondente do «Vimaranense» no Rio de Janeiro. — Falla de si proprio, e diz assim — «Mostremos sempre a educação que nos deram ahí na infancia, polluida aqui um pouco, fora das sombras das influencias clericais.»

Registremos esta confissão, que nos hade ser muito proveitosa.

Agora já não temos que admirar-nos, de que, filhos d'esta terra, os correspondentes do «Vimaranense» no Rio de Janeiro atirem injurias á sua patria, e pertendam maculal-a com a baba da culumnia. E' porque a educação que receberam cá, foi lá polluida fora das sombras das influencias clericais.

Em quanto á folha chamada «Vimaranense» que admite em suas columnas todas as necedades, dislates e improprios que se queiram escrever a respeito da terra de que tomou o nome, bem diziamos nós, que o motor que a levava a prestar-se tão igno-

bilmente a isso, era o interesse. — E' o mesmo correspondente que o diz nas seguintes palavras — «Foi mediante os tantos cum quibus que o «Vimaranense» prestou suas columnas. . . . .»

Definiram-se bem, e nós, registrando-a, agradecemos-lhe a franqueza.

*Descoberta feliz.* — Descobrio-se agora um novo effeito da mostarda. Sabia-se que ella fazia espirrar, quando se chegava ao nariz. Agora os honestos do «Vimaranense» deram-nos exemplo de um novo effeito d'ella. A que foi lhe applicada no passado n.º d'este periodico fez-lhe tal exaltação nervosa, que não poderam conter-se que não escouchassem! . . . . .

Foi uma feliz descoberta, porque ao menos a gente agora sabe com quem lida. *Ex calce jumentum!*

*Romagens* — Foram esplendidas as romagens, que houve no sabbado e no domingo nas cercanias d'esta cidade.

No sabbado foi immenso o povo que correu de todas as partes ao pittoresco sitio da Costa, onde neste dia costuma haver a romaria de S. Thiago. Deram-se alguns pequenos casos de desordem, que foram immediatamente suffocados pelas medidas policiaes empregadas pessoalmente pelo dignissimo administrador d'este concelho.

Domingo fez-se no alto da serra de Santa Catharina, na Capellinha da invocação da Senhora da Penha, a festividade da mesma Senhora. A temperatura fresca do dia, e a deleitosa amenidade do immenso panorama, que se gosa do elevado cimo d'aquella collina, convidaram uma numerosa concurrencia de familias d'esta cidade, que alli foram passar o dia em alegres e festivos folgares. Alguns membros da fina rapaziada d'esta cidade tambem alli foram tomar parte nos festejos com uma bonita tocata.

No mesmo dia houve festividades de *Corpus Christi* das parochias egrejas ruraes da Costa, e de S. Pedro d'Azurey.

*Concerto.* — O snr. Ricardo Ferreira de Carvalho, distincto piannista brasileiro, deu segunda feira um concerto de pianno no nosso theatro. O snr. Ricardo foi muito applaudido, porque tem incontestavelmente muito merito. Alguns membros da companhia nacional que, ha tempos aqui esteve, tomaram, *infelizmente*, parte no espectáculo da noite, representando algumas comedias, para as quaes a platea foi mui-

to indulgente, talvez por commiserção. Esta gente persuadir-se-ha que nós somos de Fossas? . . .

*Santa Martha.* — Festeja-se hoje na capellinha de S. Lasaro, a imagam d'esta Santa.

Ha tambem hoje romaria no monte da Faperra onde se venera igual imagem. Tem corrido para lá immenso povo.

*Exposição.* — Domingo estará exposto á concurrencia dos fleis o magestoso hospital da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco.

*Chegada.* — Chegou a esta cidade o snr. Schelnick inspector das obras publicas do norte.

*Falta d'agua.* — Pedimos a illm.ª camara tome as mais energicas providencias affim de que não haja falta d'agua nas fontes e tanques da cidade, tendo em consideração que a agua é hoje o mais prompto socorro para acudir a qualquer incendio que por ventura succeda, contra o que se deve estar sempre prevenido.

Ha dias era geral a falta de agua nos tanques, e mesmo ainda agora não é ella muito abundante, e a estação vai critica.

*Construcções navaes.* — Parece que o governo vai mandar construir na India portugueza duas novas corveias, e diz-se, que receberão os nomes de «D. João de Castro e Afonso d'Albuquerque».

*Abertura do asylo de Santa Estephania* — amor de Deus e do proximo — Em o ultimo numero d'este periodico promettemos dar uma noticia mais circumstanciada relativamente a este asylo de infancia desvalida, aberto no dia 16 do corrente mez. Vamos pois, cumprir a nossa promessa.

Como já noticiamos aos nossos leitores, a abertura d'este asylo foi definitivamente resolvida no dia 16 do proximo passado mez de junho; e n'este mesmo dia foram escolhidas as pessoas que de boa mente se dignaram tomar a seu cargo diferentes trabalhos para se levar a effeito uma tal resolução.

Os individuos encarregados de mandarem fazer os reparos no edificio, tornando-o commodo para o uzo a que era destinado, fizeram-se merecedoras dos maiores e elogios, tanto pela boa disposição que

Emfim, o sér que é substancia e forma, apparece-vos dotado de poder de obrar; é força e actividade; actividade fatal, espontanea ou livre, segundo o grau hierarchico do ser em que se revela, mas sempre força inherente ao mesmo sér.

Espiritos eminentes, considerando a totalidade das cousas creadas n'este ponto de vista o mais geral e, se o posso dizer, o mais ontologico, tem observado n'este triplice aspecto do sér um vestigio universal do mysterio da vida intima de Deus. O fundo substancial do sér representava-lhes particularmente o Pae ou o principio; a forma ou a manifestação do sér lhes representava especialmente o Filho ou o Verbo, e a actividade ou a força inherente ao ser lhes representava por-fim o Espirito Santo. Seja qual fór a justeza d'esta relação, a mais vulgar metaphysica desafia-vos a que procureis, no mundo dos espiritos ou no mundo dos corpos, um sér só, que não sejaes forçados a contemplar sob este triplice aspecto geral. Ou antes, imaginae um quarto ou quinto aspecto do sér, que não entre forçosamente n'uma d'estas tres categorias; nunca o alcançareis. Ora, e

porque é isto assim? porque ha tres aspectos necessarios de todo o sér creado, como tres determinações necessarias do sér divino? E' ainda o acaso que explica este encontro geral e universal da triplicidade no seio da unidade? ou direis antes que a percepção d'esta relação entre as leis essenciaes dos séres e a lei essencial da vida de Deus, não é mais que uma visão fantástica, uma miragem do pensamento? Certamente, não ha alli uma representação completa, uma imagem da Trindade; não ha senão um reflexo tanto menos observado, quanto é mais geral, e quanto suppõe, para ser apercebido, uma certa vista metaphysica, que não tem o vulgar dos espiritos. Esta concepção dos séres sob o triplice aspecto da substancia, da forma e da força, é talvez o olhar mais vasto que o metaphysico lança sobre a creação; e quanto este olhar é mais profundo, tanto mais alcança o vestigio de Deus.

Mas é tempo de deixar este elevado cimo das cousas, para fitar a vista nos dois planos que alli vêem convergir, e procurar sob formas mais determinadas o sello de Deus impresso nas suas obras.

E primeiramente, observae o mundo material nas suas diversas e multiplas aparições. Observae a materia, desde o atomo até ao sol; desde o grão de pó, que levantaes com os pés, até ao mundo astronomico, que rola sobre as vossas cabeças. A materia, seja qual fór a sua inferioridade perante a gloria do espirito, a materia é tambem elevada á honra de reflectir Deus. Vista só na sua superficie, já ella vos offerece um reflexo de Deus singularmente consideravel na triplicidade de suas dimensões, e na unidade de sua extensão. Concede a materia sob qualquer forma que vos aprouver represental-a, e achareis invariavelmente mais ou menos mensuraveis as tres dimensões que encerram todo o corpo em seus proprios limites: longitude, latitude, e profundidade.

Por mais reduzida que seja, no que toca á sua extensão, a materia conserva até ao ponto mais minimo esta triplicidade de dimensões que parece um signal do infinito marcado no finito. Reduzi, pela hypothese d'uma compressão indefinida, toda a materia existente a um só ponto material, e n'este ponto solido achareis a triplicidade

na unidade: este ponto, não abstracto, mas real, será o ponto gerador das tres dimensões da materia.

O seu prolongamento na extensão, e a dilatação do seu volume não mudam em nada esta condição inherente á sua natureza. Para o conceber tal, qual é, é mysterio manter-lhe em sua indestructivel unidade a triplice irradiação que brota d'estas tres faces. Estas tres faces suppõem-se mutuamente para compor o corpo e o ponto material; se falta uma, não ha senão uma superficie; se faltam duas, não ha mais que uma linha. Por conseguinte, as tres dimensões são necessarias; e, á letra, as tres não fazem senão uma. E' assim que o mysterio da vida intima de Deus, tão distante das enfermidades da materia, penetra atravez a superficie de toda a materia; e as tres faces do cristal, que reflectem toda a luz creada, parece tambem reflectirem alguma cousa da luz increada.

(Continúa.)

deram aos trabalhos, como pela energia que desenvolveram no cumprimento da commissão a elles confiada.

São também dignos de summo louvor todas as senhoras e cavalheiros que offereceram os differentes objectos de mobilia, necessarios para o asylo, assim como todas as pessoas que accudiram a subscrever com certas quantias para a sustentação do mesmo, assignando o seu nome no livro dos subscriptores. Pede n'este caso a justiça que façamos aqui especial menção da Ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria da Conceição Vaz Napoles, e de sua presada filha a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria José do Amaral Castello Branco, pelo incançavel trabalho que tiveram em preparar e ordenar todos os objectos offerecidos ao asylo, e alem disto pelo seu reconhecido e tão manifesto zelo em favor d'este caritativo estabelecimento, fazendo conduzir pelos seus criados todos os objectos para o asylo, e indo alli pessoalmente e com a ex.<sup>ma</sup> viscondessa de Pindella, não obstante o immenso calor, no dia 15 de tarde, dispor tudo com muita boa ordem nos seus logares, designando os objectos pretencentes aos diversos misteres do estabelecimento, recolhendo-se somente á noite a sua casa.

No dia 16 ao romper da manhã uma banda de musica percorreu as ruas da cidade. Annunciava a Guimarães aquelle venturoso dia em que aos muitos tropheos de glorias que já possuiu, adquiridos pelo exercicio da mais sublime das virtudes — a Caridade, ia ajuntar mais um monumento grandioso que attestasse a todo o mundo os seus piedosos sentimentos em favor da infancia desvallida. Os sons marciaes da musica fizeram desde logo despertar no coração de muitos a mais viva impressão do sentimento que os predominava.

O edificio do asylo estava singela e elegantemente decorado, tanto interna, como externamente. A fronteira que deita para a rua de Santa Maria, estava guarnecida de bandeiras e as janellas adornadas de cobertores.

No portão do edificio via-se um arco de flores. Todas as janellas do lado de dentro tinham cortinas de cambraia e cassa.

O vizitante, ao entrar para a parte do edificio que deita para a rua, encontrava, na primeira porta á direita o quarto do regente, na segunda a sala em que os asylados dormem, na terceira um outro quarto para um empregado quando o asylo venha a carecer d'elle, e para isso tenha posses; em frente d'este quarto, voltando-se para o lado da cerca, encontrava na primeira porta o lavatorio, na segunda a despensa, na terceira o guarda roupa, na quarta a aula, (aqui estava o retrato de S. M. El-Rei o Sr. D. Luiz, e foi aonde se assignou o auto de abertura,) na quinta a sala de respeito, aonde estava o retrato de S. M. a Senhora D. Estephania, em cuja memoria este estabelecimento foi fundado.

Na parte do edificio que se estende para o interior da cerca estava a sala de comer, a cosinha e mais officinas, havendo ainda muitas saletas disponiveis para o que foram myster

As nove horas da manhã sahiram da casa de Villa Pouca em em direcção ao asylo os seis meninos.

Tinham sido alli vestidos, a expensas do ex.<sup>mo</sup> conde do mesmo titulo. (1) Os meninos foram acompanhados pelo ex.<sup>mo</sup> conde, como presidente, que era da commissão fundadora, e ill.<sup>mo</sup> sr. Francisco Antonio de Almeida, secretario da mesma, e principal author da fundação deste caritativo estabe-

(1) O vestido dos asylados consta de meias, ceroulas, e camiza. tudo de linho, calça, jaqueta e bonet de cotim, sapato branco, que tudo pagou o ex.<sup>mo</sup> conde de Villa Pouca.

lecimento. Seguiu-os a muzica e um immenso concurso de povo de todas classes. Entraram estes seis innocentes desvallidos no asylo por entre o mais vivo e manifesto jubilo de todos os circumstantes.

Assistiram ao acto da entrada uma deputação do rv.<sup>mo</sup> Cabbido da Insigne e Real Collegiada, os ex.<sup>mos</sup> conde d'Azenha visconde de Pindella e barão de Pombeiro, os parochos da cidade, os membros da camara municipal, commandante do destacamento as mezas das Veneraveis Ordens Terceiras de S. Francisco, S. Domingos, e da Santa e Real casa da Mesericordia e muitos cavalheiros, convidados *ad hoc*; e com assistencia de todos se procedeu logo ao auto d'abertura, depois de assignado o qual, proferiu o ex.<sup>mo</sup> conde de Villa Pouca um lindo e bem elaborado discurso, que já publicamos no numero passado.

Findo este acto celebrou-se um solemne *Te Deum Laudamus* em acção de graças a Deus Nosso Senhor por se haver dignado conceder a realisação d'um estabelecimento tão vantajoso, como glorioso para esta cidade. Esta cerimonia religiosa foi capitulada pelo rv.<sup>mo</sup> Chantre da Insigne e Real Collegiada e mais dois reverendos conegos assistentes, finda a qual subiu ao pulpito o rv.<sup>o</sup> abbade de Santo Thyrso de Prazins, e recitou um curto mas lindo emproviso sobre motivo que alli reunia a todos, no que foi muito feliz, revelando mais uma vez o seu reconhecido talento, já muitas manifesto na cadeira evangelica

A todos estes actos estiveram presentes as ex.<sup>mas</sup> sr.<sup>as</sup> D. Maria da Conceição Vaz Napoles, condessa de Villa Pouca, D. Margarida e sua mãe D. Maria José da Silva Costa, D. Luiza Ludovina d'Araujo Martins, que fazem parte da commissão fundadora, viscondessa de Pindella, baronesa de Pombeiro, D. Rosa Leocadia da Silva Peixoto, da commissão do ultimo leilão de prendas.

Com a entrada dos asylados ficou o asylo patente á visita do publico, e foi tal a concurrencia que a custo se podia andar tanto nos corredores, como nas differentes officinas. Alguns cavalheiros e senhoras assignaram o seu nome e a quantia respectiva, com que se offertavam para a sustentação do asylo, no livro dos subscriptores, entre os quaes se conta a sr.<sup>a</sup> D. Maria Joaquina de Souza Pereira, viuva, proprietaria da hospedaria da rua de Alcobaça d'esta cidade, que entregou por sua propria mão a quantia de 100\$000 rs. accrescentando que a dava com muito gosto. Estas palavras constituem de per si o mais eloquente elogio que podia fazer-se a esta senhora.

Ao meio dia foi dado o jantar aos asylados, que constou de caldo, vacca e presunto cozido e arroz, anho assado, e um prato de doce. As senhoras e cavalheiros das diversas commissões estiveram presentes ao jantar, e prestaram os servissos necessarios, sendo os asylados servidos especialmente pelas ex.<sup>mas</sup> sr.<sup>as</sup> D. Maria da Conceição e viscondessa de Pindella. Estas senhoras apenas tomaram o tempo tão somente necessario para o seu jantar, de resto estiveram sempre no asylo em todo dia desde as 8 horas da manhã até proximo das Ave Marias, aonde prestaram muitos e valiosos servissos que tão voluntariamente se dignaram dispensar.

A ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria da Conceição tomou dous asylados e foi para junto do cofre em que o povo deitava a sua esmola, posto, que não abandonou; e a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> viscondessa de Pindella, vendo impedida a passagem para a parte do edificio do asylo fronteira á rua, em virtude da concurrencia, e da falta de ordem na entrada e sahida, renunciando todas as commodidades, foi collocar-se no meio do povo, e empregando o seu esforço conseguiu faci-

litar o transito tanto para os que entravam como para os que saiam.

Presenciamos este acto de s. exc.<sup>a</sup> e contemplamos a summa prudencia como se havia naquelle logar. A concurrencia dos visitantes ao asylo só terminou com a aproximação da noute.

O povo Vimaranesense votou este dia ao gozo e ao contentamento, e a prova é que chegou a abster-se do trabalho como se fosse um dia santificado.

Foi na verdade um verdadeiro dia de festa.

A noute houve expectaculo no theatro de D. Affonso Henriques para solemnisar a abertura do asylo e em beneficio do mesmo. N'este expectaculo tomaram parte os ill.<sup>ms</sup> sr. Miguel Mascarenhas, Julio Peixoto, e Carvalho. Dando publicidade a estes nomes, julgamo-nos dispensados de expender quaesquer considerações, porque o seu talento scenico e já muito conhecido, e até todo o louvor sahido dos bicos da nossa penna nada augmentaria o seu credito, e a gloria adquirida de contribuirem por este modo para um fim de tanta justiça. Outro tanto diremos respeito da sr.<sup>a</sup> D. Maria da Luz Velloso, e de todos os repazes que entraram n'esta representação theatral, mas pede a justiça que façamos aqui especial menção da ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Anna Correia filha do sr. tenente Correia, que, sendo a primeira vez que entrou no palco, sustentou na sua parte o bom credito que goza a juventude vimaranense, tornando-se credora dos maiores e mais dignos louvores, não só por isto, mas tambem por auxiliar este acto de tanta justiça e caridade. Dos mesmos participa tambem seu extremoso pai por lhe ter prestado o seu consentimento.

Finda a representação do drama foram os asylados entregar no palco uma coroa aos curiosos actores que assim os beneficiaram e n'esta occasião recitou o sr. Carvalho a linda poesia que em seguida publicamos:

Bem vindos, queridos filhos  
D'esta terra decantada,  
Bem vindos a esta morada  
De recreio e de instrucção.  
Já contavamos comvosco,  
De virtudes sois modélo,  
E a tão benefico appello  
Faltar não podieis, não.

Guimarães, que em todo o tempo  
Nutriu nobres sentimentos,  
Que attestam seus monumentos  
D'heroismo e de piedade;  
Guimarães ganha mais gloria,  
Mais ainda se ennobrece,  
Porque rival não conhece  
No fervor da caridade.

Quantos asylos prosperam  
Entre seus muros famosos,  
Onde acham os desditosos  
Balsamo ás chagas e ás dôres!  
Oh! que innumerados enfermos  
Que miseros entrevados  
Alli á morte arrancados,  
Bem dizem seus bemfeitores!

Mas gemia abandonada  
A infancia desvalida,  
Sem ter uma mãe querida,  
Que nos braços a embalasse;  
Nem um pae, que entre as quebradas  
D'este mundo a dirigisse,  
Nem um tecto que a cobrisse,  
Nem um pão que a alimentasse.

Não podieis, ó patricios,  
Ser de bronze a seus gomilos,  
E por elles commovidos,  
Concebestes nova empreza.  
Difficil era por certo,

Mas não ha difficuldade  
Que não vença a caridade  
Com coragem, com destreza.

Essa mãe dos desgraçados  
Tambem com festas e encantos  
Meios busca para os prantos  
Em risos lhes converter.  
Ora de mimosas prendas  
Faz engraçado leilão,  
Ora dramatica acção  
Faz no palco apparecer.

Graças, cidadãos prestantes,  
Que a essas festas concorrestes,  
E a offrenda depozestes  
Na taça da caridade.  
Graças, povo generoso,  
De jubilo agora exulta,  
Que já o asylo avulta  
Para a misera orfandade.

Já de mingoa não definham  
Alguns d'esses innocentes,  
Nem para abysmos ingentes  
Errantes caminharão.  
Talvez, talvez que da patria  
Gratos, prestimosos filhos,  
Seguirão da honra os trilhos,  
Summa gloria lhe darão.

Mas ainda muitos vagam  
Nos andrajos envolvidos,  
E pela fome tranzidos,  
Reclamam por essas ruas.  
Na vereda que encetastes  
Cumpre caminhar ávante,  
E com esforço incessante  
Adoçar-lhe as mágoas cruas.

Oh! cedo virá o dia  
Em que findem os seus ais,  
Virá, que todos folgae  
D'amargar-lhe o dor pungente;  
E tereis em recompensa  
Dos soccorros, dos carinhos  
Orações dos orfãosinhos,  
E benções do céu clemente.

Eil-os, eil-os os meninos,  
Que já no asylo abrigados  
Não soffrem abandonados  
As torturas que soffriam.  
Aqui na presença vossa  
Acurvados de respeito,  
Com palavras bem do peito  
Agradecer vos queriam.

Mas sua voz emmudece,  
Nas faces lhe assoma o pejo,  
E seu tão nobre desejo  
Expressar tentam em vão.  
Embora, que em suas faces  
Transluz a innocencia pura  
E diz no rosto a candura  
O que sente o coração.

Findo o expectaculo foram os asylados para o asylo acompanhados por membros de algumas commissões e da musica.

Assim findou uma das festas, em que esta cidade manifestou cordealmente o seu maior jubilo e satisfação.

Oxalá o objecto que a motivou mereça a bençã do Todo Poderoso e a sua Divina ineffavel protecção afim de que a infancia desvalida tenha sempre n'esta cidade um asylo onde possa recolher-se, se encontrar a educação e instrucção, quando infelizmente venha a sentir a falta de seus paes, o maior dos bens que pode ter n'este mundo.

Permitta Deus que o sentimento caritativo se desenvolva no coração das pessoas bemfazejas em pró de um estabelecimento que bem administra-lo, e dirigido segundo o espirito do Evangelho produzirá necessariamente grande soma de bens.

**INVENTARIO**

**Dos objectos offerecidos ao asylo de Santa Estephania—amor de Deus e do proximo, e por quem:**

*A exm.ª snr.ª D. Maria José do Amaral Castello Branco.*

Toalhas de mesa	2
Guardanapos	14
Pannos para os meninos limpar as facas	16
Facas	9
Gorfas	8
Celheres	8
Tigellas	13
Pratos piquenos	24
Ditos grandes	4
Canecas para beber	8
Jarros	3
Bacias para lavar a cara	3
Jarro amarello para a creada e bacia	1
Lenços para os meninos	24
Toalhas de linho para a cosinheira	2
Chicaras para algum chá	3
Pires	3
Sacca para a roupa suja	1
Alqueires de feijão	2
Arroz, arrobos	1
Carne de porco, pa	1
Em dinheiro para fazer o 1.º mez	16:000

*A exm.ª snr.ª D. Maria da Conceição Vaz Napoles.*

Camas de ferro	1
Lenços de linho	12
Trabeceiros dito	6
Trabeceirinhas, dito	6
Mantas	3
Cobertas de linho	3
Enxergões	3
Toalhas de agoa as mãos	1
Mouxos	3
Bacias para baixo da cama	5
Canoas	1
Louça amarella para a cosinha	1

*A exm.ª snr.ª Viscondessa de Pindelia.*

Camas	1
Lenços	6
Mantas	1
Cobertas	1
Trabeceiros	2
Trabeceirinhas	2
Mouxos	1
Bacia para baixo da cama	1
Enxergões	1

*A exm.ª snr.ª D. Luisa Ludovina de Araujo Martins.*

Enxergões	1
Camas	1
Lenços	4
Trabeceiros	2
Trabeceirinhas	2
Cobertas de linho	1
Mantas	1
Toalha de agoa as mãos	1
Bacia para debaixo da cama	1
Cosinha de ferro	1

*A exm.ª snr.ª D. Rosa Leocadia da Silva Peixoto.*

Camas de ferro	1
Lenços	4
Trabeceiros	2
Trabeceirinhas	2
Enxergões	1
Mantas	1

Toalhas	1
Toalhas para a cosinha	2
Mouxos	1
Bacia para baixo da cama	1
<i>A exm.ª condessa de Villa Pouca, D. Margarida, e sua mãe a exm.ª snr.ª D. Maria José da Silva Costa.</i>	
Lenços	8
Trabeceiros	4
Trabeceirinhas	4
Toalhas d'agoas as mãos	2
Mouxos	2

*O exm.ª barão de Pombeiro.*

Todas as panellas de ferro necessarias para a cozinha.	
Cinco lampeões de iluminação a petroleo os quaes collocou por suas mãos.	
<i>O illm.ª snr. Antonio Alves Carneiro.</i>	
Camas de ferro	10
Enxergões	10
Fronhas	4
Lenços de linho	4
Trabeceiros	2
Trabeceirinhas	2
Cobertores de papa	10
Cobertas de chita	10
Toalhas d'agoa as mãos	2
Guardanapos	2

*A snr.ª D. Rita de Jesus*

Lenços de linho	6
Toalhas d'agua as mãos	6
<i>O illm.ª snr. José Rodrigues Pita e sna senhora em dinheiro</i>	
	9\$600

**LISTA DOS SNRS. SUBSCRIPTORES DO ASYLO.**

<i>Sua Magestade Imperial a Senhora Imperatriz viuva Duqueza de Bragança</i>	
annual	20\$000
<i>Condessa de Villa Pouca D. Margarida e sua ex.ª mãe</i>	
«	27\$000
<i>Baroneza de Pombeiro</i>	
«	24\$000
<i>Conde de Villa Pouca</i>	
«	13\$500
<i>D. João Peixoto da Silva</i>	
«	15\$500
<i>D. Maria Joaquina de Sousa Pereira por uma vez</i>	
	100\$000
<i>Vicente Machado Pinheiro de Mello</i>	
annual	9\$600
<i>Visconde de Pindella</i>	
«	9\$600
<i>Antonio José Carneiro Guimarães por uma vez</i>	
	100\$000
<i>Joaquim Teixeira de Carvalho Barros</i>	
annual	12\$000
<i>Antonio Joaquim Pinheiro de Miranda</i>	
«	2\$250
<i>Agostinho José de Freitas Ribeiro</i>	
«	6\$000
<i>José Victorino da Silva</i>	
«	4\$000
<i>D. Maria da Conceição Vaz Napoles</i>	
	12\$000
<i>D. Maria José do Amaral Castello Branco</i>	
«	12\$000
<i>Joaquim José Gonçalves Teixeira de Queiroz</i>	
«	4\$500
<i>Maria Luiza da Conceição</i>	
mensal	100
<i>Medico Souto</i>	
annual	2\$250
<i>José Joaquim da Silva Areias</i>	
«	2\$250
<i>Joaquim Albano Correia de Freitas Corte Real</i>	
«	4\$800
<i>D. Maria Emilia Vieira</i>	
«	6\$000
<i>D. Maria Emilia do Amaral Ferreira</i>	
«	4\$500
<i>D. Maria Carolina do Amaral Ferreira</i>	
«	4\$500
<i>José Ribeiro Martins da Costa</i>	
«	4\$500
<i>Joaquim José Leitê da Silva Guimarães</i>	
«	1\$000

**AGRADECIMENTO.**

**Antonio Francisco das Neves, seu filho e filhas agradecem por esta forma, emquanto o não podem fazer pessoalmente, a todas as ex.ªs e ill.ªs snr.ªs e srs. que lhes fizeram a honra de os cumprimentar por occasião da molestia e fallecimento de sua sempre chorada esposa e mãe Custodia Maria d'Oliveira, e a todos protestam a sua eterna gratidão e reconhecimento.**

**PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.**

**ARCHIVO JURIDICO**

PERIODICO MENSAL DE NOTICIAS JUDICARIAS E LEGISLAÇÃO DE MAIS INTERESSE, TANTO ANTIGA COMO MODERNA.

Publicou-se o n.º 23 da 2.ª serie que contém:

*Carta de lei* de 20 de junho de 1863, alterando as taxas da contribuição pessoal.

*Portaria* de 6 de junho de 1863, explicando o decreto de 13 de dezembro de 1862, sobre a detenção de pesos e medidas do antigo systema.

*Carta de lei* de 22 de julho de 1863, permitindo o transitio, sem pagamento de direitos, ás mercadorias que, tendo dado entrada nas alfândegas grandes de Lisboa e do Porto, se destinarem para algumas das alfândegas da Figueira, Setubal, Faro e Vianna do Castello.

*Portaria* de 28 de maio de 1863, regulando e explicando a de 8 de abril ultimo, sobre as fianças exigidas aos marittimos de 14 a 21 annos.

*Portaria* de 3 de julho de 1863, regulando a renuncia á vida do mar.

*Portaria* de 20 de agosto de 1860, seguida das instrucções regulamentares da lei de 20 de julho de 1855, que regula a arrecadação das multas em que incorrem os capitães ou donos de embarcações que se empregarem no trafico da emigração clandestina.

*Portaria* de 19 de agosto de 1842, restringindo o trafico da escravatura branca. *Aviso* de 6 de março de 1810, seguido do regulamento da mesma data, respeito á concessão de passaportes a nacionaes e estrangeiros.

*Decreto* de 25 de maio de 1825, seguido de outro regulamento sobre o mesmo assumpto, e sobre emolumentos aos empregados, no expediente dos passaportes.

*Portaria* de 30 de maio de 1825, se-

guida de um regulamento para a matrícula das embarcações.

*Despachos e noticias.*

Continua a assignar-se no Porto, rua do Bomjardim n.º 69, defronte da Viella da Neta— aonde tambem se vendem collecções completas e n.ºs avulsos.

PREÇO

Para o Porto, anno ou 12 n.ºs	8960
« as Provincias (franco de porte)	13440
Avulso para o Porto, cada n.º	5120
Para as provincias (franco)	5150
Os dous volumes da 1.ª serie (para o Porto)	25000
Para as provincias (franco)	25300

O importe das assignaturas ou n.ºs avulsos pôde ser enviado em estampilhas ou vales do correio, a José Lourenço de Sousa.

O n.º 24, que será distribuido dentro de tres dias, conterá a

Lei Hypothecaria — e a portaria de 40 de julho do corrente anno, que regula o modo de obter certidões do Registo dos vinculos.

**BIBLIOTHECA DAS DAMAS**

COLLEÇÃO DE ROMANCES ESCOLHIDOS, LENDAS, CONTOS ENARRATIVAS.

DEDICADA ÁS SENHORAS PORTUGUEZAS E BRAZILEIRAS (3.ª serie)

«A Bibliotheca das Damas,» assigna-se no Porto, rua do Bomjardim n.º 69, defronte da *viella da Neta* — Lisboa, na loja do snr. Lavado — Coimbra, na do snr. José de Mesquita — Braga, na do snr. André Joaquim Pereira — Guimarães, na do snr. J. P. Monteiro Girão — e em Villa Real, na do sr. Antonio Custodio da Silva.

O importe das assignaturas, pôde ser enviado em estampilhas, ou em cautellação seguro.

PREÇO

(12 n.ºs) francos	1\$800
6	890

A correspondencia franca de porte no editor, da BIBLIOTHECA DAS DAMAS no Porto

Os snrs. assignantes do ARCHIVO JURIDICO — gosam a vantagem de poderem haver todos os romances da 1.ª 2.ª serie (da BIBLIOTHECA — pelo preço da assignatura, ou 120 reis cada volume, custando avulso 200 reis

**ANNUNCIOS**

FRANCISCO do Valle Guimarães, proprietario, morador na rua Nova do Muro d'esta cidade, tendo-se já encarregado de tratar, tanto neste juizo, como fora d'elle, em causas de seus amigos, faz publico que d'ora em diante se encarregará tambem de tratar todas e quaesquer causas, e pariso todas as pessoas, que lhe quizerem confiar a sua procreação, podem dirigir-se ao annunciante na sua casa n.º 4 na sobredita rua.

GUIMARÃES—TYP. DA «RELIGIÃO E PATRIA»

PRAÇA DA OLIVEIRA N.º 46